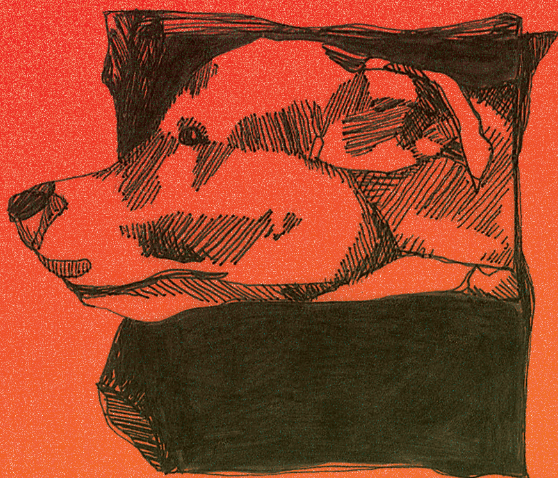
YURI MARTINS-FONTES

CANTOS DOS INFERNOS

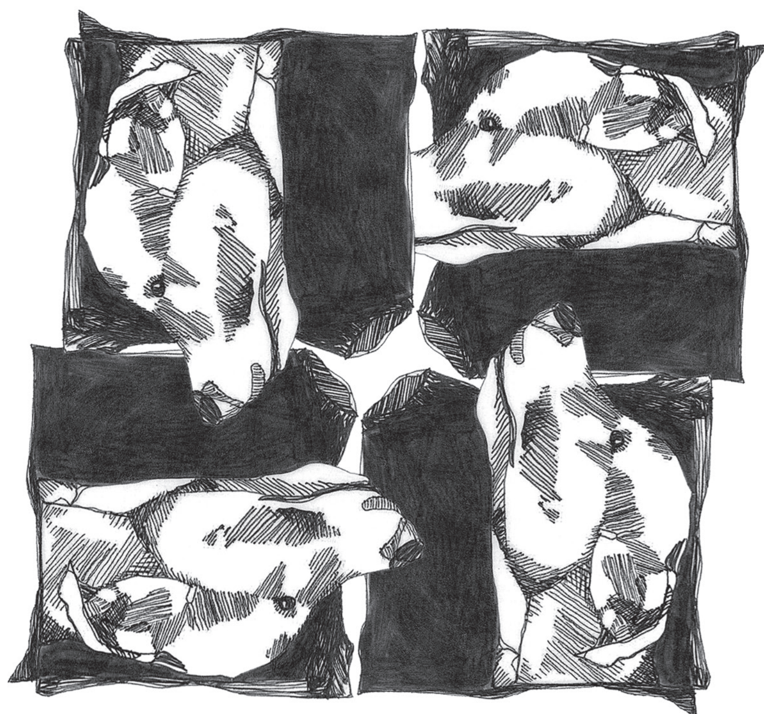
YURI MARTINS-FONTES

CANTOS DOS INFERNOS









Editor
Eduardo Lacerda

Ilustração, Projeto gráfico e Diagramação
leonardo MAthias

Assistente Editorial
Alex Zani
Amanda Vital
Ricardo Escudeiro

Revisão
Rita Hilário

Administrativo e Comercial
Pricila Gunutzmann

Expedição
Sheila Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Ficha Catalográfica elaborada por Fabio Osmar de Oliveira Maciel – CRB - 7 6284

M386c Martins-Fontes, Yuri

Cantos dos infernos / Yuri Martins-Fontes. – 1. ed. – São Paulo : Editora Patuá, 2021.
140 p. ; 21 cm.

ISBN 978-65-5864-238-1

1. Poesia brasileira. I. Título.

322-245-21 CDD – B869.91

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.91

Editora Patuá
Rua Luís Murat, 40
CEP 05436-050 São Paulo – SP Brasil
Tel.: (11) 96548-0190
www.editorapatua.com.br
editorapatua@gmail.com

YURI MARTINS-FONTES

CANTOS DOS INFERNOS

(poesia)



PATUÁ
EDITORA
LIVROS SÃO AMULETOS

SUMÁRIO

Apresentação

Na barca dos antissonhos

*por Wilson do Nascimento Barbosa**

Disse certa vez Bandeira haver poetas que fazem da poesia a arte da inversão. Outro alguém afirmou que a poesia, como conteúdo, tem dois possíveis métodos: conhecer o mundo, através do sonho; ou conhecer o sonho, através do mundo.

Yuri, sem dúvida, pertence a esta última metodologia. Segue as pistas que lhe dão o real, para situar, com versos curtos em que é perito, o estado sonâmbulo da alma. Quanto à observação de Bandeira, diria ele certamente de Yuri que, por detrás da liberação cuidadosa de seus versos, se esconde o efetivo lugar – o mundo – em que quer realizar os seus mais ocultos sonhos.

Tem-se assim um poeta que, como bom poeta, sabe disfarçar o que faz. Abraça-se ele com a realidade que impede a realização de seus sonhos: "*Quero o corpo suado/ Na manhã de minha cama/ Quero o dia que esquece/ Quero a noite que ama*".

Querer pois o que tem permite ao poeta bastar-se a si mesmo e disfarçar que nada mais quer que aquilo

que (nega que) tem. De certo modo, um retorno – com a forma posta em dia – ao hermetismo camoniano: na volta aos antigos dos poetas do período, personagens agem não por *motu proprio*, mas por interferência de deuses ou semideuses, como na Ilíada ou Odisseia; Camões desenvolveu nisso sua própria técnica. Desemocionalização dos atos, narrados em poesia.

Assim o *sujeito duplo* destes *Cantos dos Infernos*: um que narra o que escolhe; outro, por detrás, que esconde e discorda, sem dar-se por escrito. Esta duplicidade – talvez o *Eu dividido* – faz com que alguns de seus versos se abram a compreensões diversas.

Somos nós, todos os outros, que admiramos essa busca, essa falsa fuga para o passado, no comum da vida e no estro.

Ler Yuri é portanto desnavegar em sua barca de antissonhos. Que possamos fazê-lo, na angústia e no momento leve desses poemas alternantes que nos proporciona esta leitura.

*Wilson do Nascimento Barbosa, poeta, historiador e professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. É autor da narrativa *A surda* (Com-Arte, 2013), e de obras teóricas como *Cultura negra e dominação* (Unisinos, 2002), e *Atrás do muro da noite: dinâmica das culturas afro-brasileiras* (MINC/Fundação Palmares, 1994), dentre outros livros.

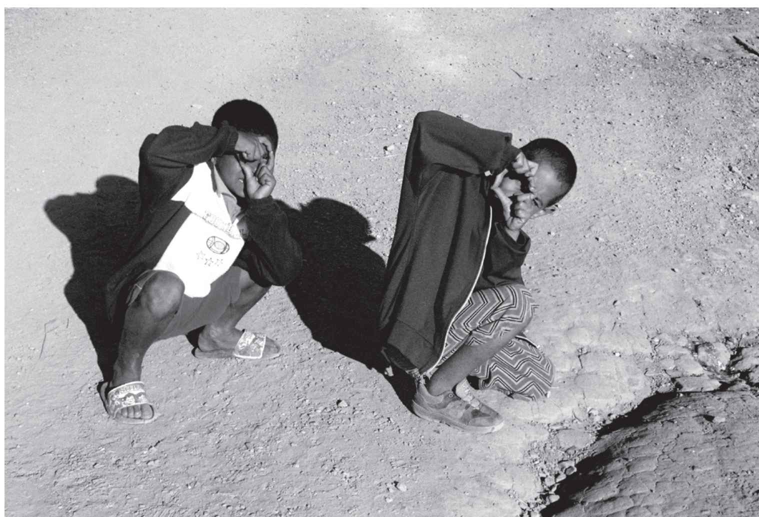


SARAU ANTOLÓGICO

Estes os cantos-falados de várias safras e peles;
colheita de veredas pelos infernos que queimam
a ferro as páginas das estações da gente;
retratos de um par de décadas do novo tempo moderno –
que não morre nem se cansa de ser velho.

LIVRO I

HADES



FOGO ACESO

Chuva só chove

A chuva cai que é um tranco
De-
          sa-
                    ba
Pai mãe desespero
                              Deságua
Rio casa barranco
                              Só tábua

Meninos e prantos
                              Mais água
Vidas ruindo
                              E nada…
Vai indo e indo
                              Desgraça

***

Chuva chuva
Chuva então chove!
Mas chove sem culpa
Chuva
Que a culpa é do homem
Só chove.

Silêncio da Roça

O silêncio da roça não é sepulcral
Dogmático, positivista
Nada de absoluto.

É um silêncio brando
Amante e artista
Um silêncio que se escuta
                    Vívido, pulsante.

Um calar estrelado
O rio – o coaxar abafado
Besouros batucando a janela.

Um silêncio existente
Pleno em dizeres e à toa
Mas de uma fala que não fere
                    Ruído que não atordoa.

Formigas me devoraram

Escapei aos lobos, espantei demônios
esquivei sumidades e bons
a punhos nus amei feras onças
mas não matei nenhuma mosca.

Encontrei formas criei conteúdos
cavei sonhos compus saídas
inventei coragens (pois outra não havia).

E às tempestades me dei guarida
          quando nem o valor já não valia.

***

Tramei liberdades – fui caído, caí
descrendo, decerto, antideuses eu cri.

E lá ao inferno onde prantos não amparam
sorri ao ocaso que a toda besta espreita.

Depois deitei leve à terra fresca
          E formigas umidamente me devoraram.

Berço melancólico contra uvas e versos

A raposa dourada de berço
melancólico
em seu xale vermelho
social
quando mui alegre ri alto
desdenhando uvas menores.

Na sua queda cotidiana
tormenta
tenta arrastar teu esforço discreto
– poeta –
pelo fosso contábil moderno
da audiência repisada.

***

Mas a poesia como as uvas
(que desalcança)
não se deixa medir por uivo cínico
rígido
ainda que curtido – no humor orgulhoso
com que veste públicos desesperos.

Na escuta áspera de lágrima real
boa ou má
anônima, eleita, clássica, chã
(quem o diz?)
mas banhada no lixo que há – a poesia resiste
– fede, flore, chora e resiste.

Língua viva

No casario velho
dos cesários verdes
se aquecem do inferno
pessoas e versos.

As bocas e rimas
temperam seu metro.
Beija o parnaso
na língua o moderno.

A palavra vernácula

A palavra vernácula outrora nasceu poesia,
consolidada metáfora
firmou-se lugar-comum.

Na boca do povo chegou a ser acusada:
neologismo clichê,
gíria chula gentalha!

Ganhou uso letrado em fina desimaginação
– já o poeta bem dizia:
a poesia ao precisado.

***

Certo dia gloriosa entrou pro dicionário
e pura se eternizou
qual toda miscigenação...

Até que a morte a floresça noutro signo que nasce
de um poeta descuidado
expulso de qualquer cidade.

Ordem e Progresso Supremo

É preciso pontaria e necessárias
juris-prudentes luzes (ferroadas!)
à hereditária injúria magistrada.

Te resta uma após os pirilampos
de fogo humano que como anjos
irromperão desprezos e dias
e romperão egos   e mais-valias

Tem fé (acode minha razão cansada)
então você sorri e mete o cano
no meio dos danos do sucesso

Rima a sincronia ação-teoria
e a poesia espatifa a injúria
limpa com sangue aquela frase espúria
que diz com nojo: ordem e progresso.

Cinema-cinema brasileiro

À luz vermelha do bandido do Sganzerla
Joaquim Pedro repariu Macunaíma
Com dona Flor deu-se Bruno Barreto
Fuzis do Guerra se sabe sangra ainda.

Vai Ganga Zumba de Cacá – livre Palmares!
Edu Coutinho cangaça o seu Faustão
Na hora e vez de Matraga (o do Santos)
Matou a família do Bressane – ou não?

Eis que assim enquanto a Terra em Glauber transe
Tenso contraste à São Bernardo do Leon
É gostoso meu francês, Nelson Pereira
(Inda tão sujas as memórias do cárcere).

Guerreiros bravos vão às massas – prega o Dahl
Outros mais duros – a Boca do Lixo impera
Triste nação rica em vergonha e mártires
– Viva o novo cinema à brasileira.

O café é livre

Tu fostes nosso escolhido
eis o contrato e meu aval
lido ou não lido acata logo
letra miúda e o principal
– ciente da ética que prima
nossa *famiglia* empresarial:

– Sê neutro profissionalmente
(cautela, canja nunca fez mal)
religiosa, culturalmente
(isso inclui o social),
imparcial politicamente
(não se admite aqui diatribes)
e artística e sexualmente!

De resto o café é livre.

Língua em riste

Peço perdão aos senhores gramáticos
E ao filológico saber de antanho
Sempre em riste e triste
– algo apático

Mas pra além do edital regra-rebanho
Chamar de poesia ao poema
É poesia – poeta
– não tema.

Suns of a beach oquei in Brazil

à falha global dum estadão vira-lata

Va te faire foutre puttano cabrón
– son of a bitch de mierda
e teus giornalle-golpe du cazzo

Pinches porta-vozes do atraso
máfias in trajes très cool
d'estrangeirismos tresloucados

Gost-writer do pior main-stream
servos de calientes costas
bons-vivants é de muita bosta…

***

Vão tomar no meio de sua pseudo-cultura
metam allá su monte de stupid words
floreios naïfs – proativas firulas

Abusem da língua escribas vendidos
– emeils e linques e chópins e laives
stop a las charlas, diálogos, chats

Segreguem – cowards! – los interlocutores
yuppies demodês, jornalistas dead-líine
pavões da extravagância plus cretine

Ao mar letrados do vazio e sua ciência
guardiães da economia libertina
– censores que desonram a transparência.

Literatura fácil

Leitura fácil, entretenimento
          – buscas então passatempos?
Lê antes o ar fresco da manhã
o pôr-do-sol sem entrelinhas.

Existência tida (não entretém)
literatura é voltagem – orgasmo
é tempo do atento (não passa)

Mergulho na vida como ela vem
em desalinho volúvel e nua
arte que sua, ciência que chora
          – é memória que insiste na fé

Espelho roto da grande alma turva
lágrima em riso, redime a história
é inquieta, fecunda – é dura.

Flerte aforista

Desespero – forma de vaidade
Sábio o que aprende a envelhecer.
Fingir a cura, alívio da dor
Filosofia ao fim – saber morrer.

Luze a arte – conhecimento a cores
Na oposição, vera camaradagem
Do tempo ao outro se faz amores
Silêncio junto – a amizade.

***

Deus mesmo não vem – viesse era armado
Sonho que é junto reza liberdade.

Da flor do aforismo versos compor
Mentir jamais – inventar verdades!

Pátria Pária

"É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio".

Carlos Drummond

Época déspota
ética pálida
facas e pedras
sob cães de guarda.

À tragédia épica
o êxtase dos cálices
e hélices e balas
– síncope do cale-se.

Cidades-fracasso
– almas atadas
sínteses torpes
d'um íntimo nada.

***

Dormem consciências
gestos – a história.
Vai poeta tenta
devoto do agora:

Escarra na cara
desta pátria pária.
Tua flor prenha asfaltos
teu ódio: – não cala!

Cidades-amores

Istambul dos monumentos
A Roma museu à lua
Marraquexe arte em becos
Mumbai de jardins incensos

À México muralista
Damasco jasmim de eras
Cartum um beijo de rios
Som Cuzco cosmopolita

O Cairo história-mãe
Paris em bibliotecas
Galerias fluem Belgrado
Mercados Adis Abeba

Sevilha baila tabernas
Buenos Aires u'a mulher
São Paulo que sabe a mundo
Havana – o amor-ideia.

INVERSOS MODERNOS

Futuro

à Mariana

Em noite de lua muda
a fé se encolhia ao vento
indaguei a minha musa
que nua errava entre versos
– Na poesia hei futuro?

Ela esforça o olhar ausente
veste o melhor sorriso incolor
e me exala seu ser puro:
– Mas poeta, meu amor…
e poeta tem futuro?

Bom no que faz

E aí patrão, vai contribuir?
Pedir não é vergonha!
Pegar pra comer
Não é vergonha...
Digo logo – e tem mais:
– O senhor não se imponha!

Vergonha é roubar
Roubar grande, aliás!
Questão de classe você sabe...
Que estudou – deus-é-mais –
Os que roubam e os roubados,
As tais classes-sociais...

E entre nata e fossa: tu – o vão!
Serviçal do mérito(crata)
Landirrover, jacuzi, garçom
Cão-de-guarda de gravata
A chafurdar na bravata:
– Bacana tá bem! – Tá patrão!

Pedir não é vergonha
É vergonha não...
Vergonha é tu Bacana!
Que tá bem – mas sem os irmão'
Vergonha é teu sucesso
(Rabo sujo de patrão).

Pedir não é vergonha
Vergonha é o preço do luxo
É quem cala sob o lixo!
Vejo, logo desembucho:
– Vergonha é o desperdício!
É ficar sem – sem ficar são.

Pedir não é vergonha...
Tomar de quem rouba?
Mas é otário – menos ainda!
– Vergonha é tu, é teu patrão
É roubar grande, oh vacilão!
Eu já falei – fecha essa língua.

Versos modernos

"Não é sempre o mesmo vento
que permite ao barco seus transportes"

Ovídio

No labirinto da poética
a rima é lastro pujante
                    – mas que não seja etérea
(de puro peca o inocente).

Vês minotauro poeta
noutro ritmo baila a métrica
corpo colado ao conteúdo
                    bela, infiel – inquieta.

PROCURA-SE FILÓSOFO

Procura-se filósofo:
preferência marxista
com ou sem experiência
pra início imediato.

Importante referências
que confirmem um bom tato.
Dialética – aos almoços!
(coma pouco, lave o prato).

Extras, férias, previdência
bônus-produtividade
nos conformes sindicais
da tabela (e a concorrência).

Pago é bom (registro é lento).
Setor de errados humanos
(atrás da publicidade)
na curva esquerda do peito.

Filhos do espírito puro

O monge zen-vegê nos jardins
entre quatro queijos de cabras nobres
lamenta aos muros sozinhos da tarde:
– Por que é que os meus filhos não têm
minha viçosa espiritualidade?

Estudaram nas melhores escolas
(as mais caras)
frequentaram excelentes famílias
(e suas máscaras)
acasalaram tão bons partidos
(magnatas!)

Agora só falam em carnes nobres
grã-finos discursos sobre *foie-gras*
dispensam meu champinhom à salada
arrotam investimentos (lêem a *Exame*)
esquivam minha casa de praia-fechada
pra ir fazer compra em Maiame?

Comum

(I)

O socialista-branco de cima
afirma que o socialismo
tem que se preocupar não com o racismo
mas com a classe – sem cores.

O socialista-macho de baixo
prega que o socialismo
tem que se ater não ao machismo
mas à classe – sem mais.

O socialista acadêmico a priori
defende que o socialismo deve atentar peremptório
não ao indivíduo que sente e que come
mas ao princípio teórico.

(II)

– Individualidades são de somenos
a questão da classe é premente!
Discutem os sábios enquanto as patroas
instruem sobre os filhos babás oportunas:
– Quase família – subcamaradas
meio-irmãs nas noites de gala!

E a elas brindam seu descanso justo
entre justas champanhes
(que elas não brindam – mas calam).

(III)

Boa-vida o cidadão do bem – tão bom
acena a seus cultos parceiros de classe
enquanto atira aos cães o filé de ontem
(minhom)
degustando um excelente vinho
(de um Salário)
– Pela ciência da experimentação!

(IV)

Ao desfile mascarado
o Comum assiste discreto
da cozinha, calçada, coletivo
como quem cheira o teatro inimigo
(sem rua, raiz ou memória)
prestes a ser esmagado
entre as cúpulas tão sistinas
e o chão que é de terra da história.

Impassível o Comum observa
                    – conspira
no simples respira seu mundo
                    – sente pena.
Camaradas outrora de verbo
parceiros de copo e de troça
                    – sente pena mas não chora.

Trabalho não acaba logo

a meu Ivan

Meu filho pequeno inda animado
findo o desenho animado quer ainda
a fábula a moral e cisma
e desliza a mente acesa:
– Papai, me conta out'a histó'ia
uma de bicho… da sua cabeça!
– Mas agora não era dormir?
sim, teu pai tem trabalho.

O olhar miúdo revoa o instante
sentido, difuso, valente...
logo recobra o sorriso
e mãozinhas filosofantes
na aura da era mais terna
borboleteiam aos céus em amparo
– aos pais, às mães desse mundo!
constatando austeras e puras
toda a humana miséria
(e que não é sua somente):
– Os desenhos acabam logo
as histó'ias acabam logo
só o trabal'o não acaba logo
não é, Papai?

Especulador

Jogo é jogo
          quem pode cisca
quem não pode se cultiva.

Perder-ganhar: estatística.
Garantia à queda: cacife
(ou primo na *política*).

***

Tá bem? Tem?
Bobo arrisca...
Não tem? Paz
          e não inventa!
Aposta um, ganha só um...
Quer mandar cem
          – Papai te 'guenta?

Soneto do tempo vendido

Acorda funcionário burguês
                    Porque tempo é dinheiro
O teu patrão te vigia
(Não tem crise o alcoviteiro).

Corre! – corrupto arrivista
Que a ambição não permite paz
Teu sonho se perdeu de vista
                    Nem teu filho aprendeste amar;

Teus amigos são tão canalhas
Que chegas mesmo a temê-los
                    Porque tempo é dinheiro.

Se à noite indigesta lucidez
O ar azedo te lembra viver
                    Não há tempo a ser: chegou tua vez!

VERSOS CORRIDOS

Vida nova

Já canta o verão
viram-se as páginas
renovam-se amigos
sabores e lágrimas.

***

Sábio

Te dizem louco
não por ter perdido a razão!
Por ter perdido tudo
– menos a razão.

***

Haicai do sucesso

Há uma hora em que o cabra tem que decidir:
ganhar dinheiro
ou ser alguém na vida.

***

Mérito

Grita o arrivista:
– Grátis não tem janta!
(Enquanto a ética dorme
o dinheiro não descansa).

***

Vícios

(I)

Cantar, brincar
dançar os amores,
um homem precisa
de vícios melhores.

(II)

A vida não é mais
que um beijo na boca
em uma noite perdida
que ameaça amanhecer.

(III)

Amor e liberdade
não se escolhe
– se sente.

(IV)

A estrada é mar calmo
vicia depois afoga
quem abomina o marasmo.

***

Sampa profunda

Flana poeta teu verso
aos becos viajante não tema!

São Paulo não é a Paulista
nem a Vila Madalena.

***

Notícia (século XXI)

– Ocorrência na noite de ontem:
Cachorro de vagabundo latiu a animal de farda.
Ouviu no meio da testa uma bala.
Ao que parece latiu com razão.
Fez frio e garoou no centro do sangue de São Paulo.

***

Isto

Amor   não só afeto
                    sexo tampouco
amor canção calada
          ‘tar feliz   ‘tando louco.

***

Trova da práxis

A fé discursa à razão:
          – Ergue-te às mais altas formas!
Dialética a razão contesta:
          – Fé sem pão   não faz a hora.

***

Breve eternidade

Perene não dura pra sempre
                    nada dura pra sempre,
perene dura o necessário
                    a eterna imperfeita   brevidade.

***

Engavetado

(I)

Quantas mortes no peito
desensinam sorrisos
e engravatam o homem sério...

(II)

Não encontras razões pra ser livre?
Inventa-as
                              – corrige-te!

***

Trabalha

O patrão compra a força-trabalho
vende a alma o empregado
amores filhos – os tempos...
escorre tudo pelo ralo.

***

Pobreza

à cria

Juntar os trapos na paz
criar as crias nos tempos...
e espaços
acompanhando os passos...
os olhos.

Eis o modo mais rico
mais vasto
– de empobrecer.

***

Horas

ao amigo professor poeta

Um homem é um homem de manhã
um homem pela tarde
um homem na noite.

Há que se buscá-lo em suas horas.

***

Descobrimentos

Andar de bicicleta é igual flanar aos sebos
a gente entra em becos que não precisava
deixa os caminhos se escolherem
e os descobre imprescindíveis.

***

Retratos do novo século

(I)

o **celular**
se tornou seu **lar**
é melhor
cê se **olhar.**

(II)

Entre balas
                    e pingas
                              já diz o poeta…………….
                    não morro
de tédio.

***

Iminência

A bola se ajeita quando percebe que vai se tornar gol
A bola – o gol em devir
O homem
          – iminência de si mesmo.

***

Contra deus

Meu amor é silêncio
é paixão, é suplício
– na espera criação.

É punhal tramando contra deus
pelas tantas auroras sonhadas
que ainda não brilharam.

***

A sós

Eu e você temos isso em comum
somos sozinhos
juntos ou sós.

***

Flor da estação

Ah demônio – que perigo
Tua boca me lembrou – estou vivo!
Cada estação com sua flor.

***

Antes

Rebela-te
antes de te
um deles
tornares.

***

Quase de graça

Senhores Pixadores esta Santa Casa
na esperança de sua pintura poupada
oferece aos velhinhos do orfanato em frente
biscoitos e preces e água – e de graça!

***

Fadiga

Não fosse a imensa e irrefutável existência
a exigir ríspida cada grão de esforço da gente
– declararia moratória.

***

Corpo aberto

Exímias décadas ao lombo
arranca o tampo – dedo-mão
na casta faca de manteiga
(vê o que não faz ao coração)!

***

Amigo pelas costas

Não prestas Y – vales nada!
Provocador rigoroso chato
é no sarcasmo a tua aposta
(até contra si) – não prezas tato.

Tua ética é mal-humorada
seo falso ao avesso casca grossa!
e o pior só falas bem da gente
– quando falas pelas costas.

***

Pai

hoje é um às vezes
          todo dia foi ontem.
a tarde é noite
          que é só um pouquinho…

***

Brioches

Com quantas chacinas se faz um condomínio bacana,
quantos sem-tetos pra um agiota arrivista?
Quantos crimes sem castigo, regulares…
        – A boca em desespero se cala com quanta lama?

***

Tecla trova

Sim, ele já fora um homem antes
de passar três quartos da existência
peixe na tela solto na rede
nuvens perfis   e quatro paredes

crente que na ação tão efetiva
molotove lançador de tecla
fazia sua parte contra a inércia
deste mundo-cão   – que ama e detesta.

***

Banquete míope

Autoindulgência preguiça gurmê
míopes discursos-revolução
alto-critério da gente do bem;
ideias floridas desenxergadas
fedendo sempre com parcimônia
e bem trancadas no jardim dos bons.

***

Vocação

Mas aí tem disso
                    – mora?

pira prosa poética
          mas não manja
                    poema em prosa.

***

Realidade

Fio tenso
vai do sonho à dor
remendando de eterno o fugaz
sofre arde
                    um dia passa
e ainda que algum amor
– realidade
                    não existe em paz.

***

A cores

Felicidade é relâmpago
rasga tédios e dores
na longa noite sem lua
ensina sofrer a cores.

***

Haicademia

Pra que serve a filosofia?
(qüestionou o científico douto)
– Pra se aprender a errar erros outros.

***

Reinventar-se-lo

Escrever
lapidar o existir
esmiuçar espremer
rituais transcender
os sinais transgredir
– reinventar-se-lo a si.

***

Dos saberes

Momento registrado
discursa a História,
demonstrado Ciência,
possível Filosofia,
enquanto eu Poesia
devota de incêndios
amanheço utopias.

***

Haicai especialista

Não se conhece um homem pelo que leu.
Se algum homem alguém pode conhecer
um homem se conhece pelo que não lê.

***

Esperança

Esperança virtude de obstáculos
persegue a vida que foge do raso
a que o século se finge condenado.

***

Quase vida

Criar planejar construir
não sucumbir passivamente.
Conforto tédio mesmo mal:
depressão classe-média quase-vida
ser ausente – serpente amoral.

***

Louvação

E louvado seja também
o ardor das manhãs que não
me amanhecerão jamais.

***

Epitáfio

Nascer sofrer morrer
eis a vida diz o sábio.

Sofre então mas a cântaros
talha enérgico teu epitáfio.

*

LIVRO II

AGONIAS



POESIA
DE CLASSE

América do Sol

aos guerrilheiros americanos

Não me contestaram?
Tampouco a chuva me deu ouvidos.

Há tempestade!
(diz o guerreiro cansado de América)
– Chove desde o começo da madrugada.

O comandante-em-chefe ergue o olhar por sobre os montes
(sussurram serenos vapores):
– Chove desde o começo da madrugada do século dezessete

Os fogos dividem os céus
a miséria os homens
e o galo ainda sequer cantou

Mas por favor não me venham com *Humes*
nem com os malditos reis ingleses
a duvidar do Sol de amanhã.

Sangue moderno

Há sempre uma derrota a cada esquina
há sempre um irmão a cada dor.

Não facilita: esculpe a primavera
estende teus sonhos pela campina.

Escarra no altar burguês que te enforca
duvida dos bons, seus ternos e glórias.

No sangue pisado que escorre moderno
grita de horror   – e tédio –   a história.

Mensagem

ao poeta comandante Ho Chi Minh

Que venham
          – o tempo é nosso!

Nossas montanhas nunca deixarão de resistir.
Nossos rios não deixarão de correr jamais
    conscientes
            e íntimos
    as entranhas
            das terras de nossa terra.
Nossa gente não deixará de existir.

A ambição é volúvel.
Paciência é povo
            é raiz
                é tempo.

E o tempo não é cético
          – o tempo é nosso.

A História é Vermelha

A fome alheia já não anda longe
          – Vê ali
                    já visita teu vizinho!

Mais amiúde que em teu romance
a liberdade respira à força
democracia se rega a sangue

Porque a história
como se sabe
          – a história é vermelha.

Ode à utopia em flor

Não há artista que não saiba
Da história que há detrás
Da política que o vive
Da realidade em que jaz

Nem é douto quem não sente
As entrelinhas de embate
O aroma, a artimanha
Cujo encanto se diz arte

Arte pura –
Arte pela arte?
Não é apenas lixo
                    – É ideologia!

Filosofia do espírito
Jornalismo neutro
Hobby
Ciência fria?

Não são falácias somente
São veneno – epidemia!
Necrosam as pequenas almas
Alastram como mal de pele

Ainda que rasas esvaneçam
No palco severo dos dias...
– Aí, a brecha – a fissura!
Por onde flore a utopia.

Comunismo

"Me ensinaste a dormir nas camas duras de meus irmãos
Me fizeste construir sobre a realidade como sobre uma rocha
Me fizeste indestrutível porque contigo não termino em mim mesmo"

Pablo Neruda

Comunismo se define na louça-tarefa do almoço comum
no ralo da pia de cada dia
no sonho real da vida modesta
bebida a que tem não desfaz ninguém
o prato saudável, dá pra mais um.

No ser tão mundo que sofre junto
comunismo se vive, se erra em comum
no dia a dia que atravessa os dias
no clamor fecundo do chão de terra
em que pisam todos e cada um.

Golpe

a Heinrich Heine

(I)

Eles venceram?
Na sua desgraça brindemos a nossa.

Nenhum inverno resiste à história
e em verdade quão breve secam tais quimeras
já à primeira luz da manhã seguinte
– que nasce!
(malgrado jornais escombros)
na fresta entre muros e golpes.

Canalhas
não se roubam ideais
berço do conluio amor-ódio
que colore sorrisos verdadeiros.

Torpes
avante ao lamaçal
que ulcera vitórias-vergonha
e fede os anais da memória.

(II)

Alegria alegria   alegria irmãos!
asseclas do sucesso
                    patifes de toda ordem.

Também os torpes e os canalhas merecem compaixão
além de rijas árvores, é claro
                    – e cordas.

Grão da Escrita

"Escrever para um comunista não é fazer bonito"

Caio Prado

(I)

Um comunista não tem que escrever bonito
tem que escrever, reescrever
que errar melhor – ser entendido.

Preciosismos – ao castelo acadêmico
necrosado ao soldo da boa posição
(orgulho fácil com que o palco pisa o chão).

Sucesso – sirvam-se os vendilhões
datados em páginas comerciais
(plena impotência ornada a migalhas).

Requintes – aos mantenedores da pax.
que afinados como as guilhotinas
brilham ao sol (e podem esperar).

(II)

Figuras literárias lapidem-nas poetas
militantes cantadores contadores
que no parco tempo livre que lhes resta
regem infatigáveis os dons da entrelinha.

Na caverna escravo-moderna
em seu tempo não-livre e que não é pouco
que nenhum ser capaz sadio se esquive
          de ser compreendido – de ser povo!

Ao comunista seu dever premente
com que dorme desperta e semeia o existir
é atear fé à revolução e cumprir!
          Escrever no presente o grão novo dos dias.

Mística

Minha causa – tempestade
Rio que irriga e tudo arrasta
Violência a flor do asfalto
Partido – carne-alma farta.

Minha crença o imponderável
Filosofia o sol da manhã
Ideal – verso inacabado
Mística – Revolução.

Práxis

– Pra que serves, Filosofia?
(brada a Ciência, soberba)
não constróis nem navegas
não medicas ou exumas
não Progresso em suma!

– Servidão ao desacato
presto (às vezes) só pra gente
aprender da vida errada
a errar mais coerente.

FOGO AMIGO

Amor alegria dos corpos

Ao amante descuidado
A umidade deslizante
(Pele, ventre – e seus lábios)
Dorme seca, e distante

Amante, mas indolente
O peito grita amargado
De ciúme trai a mente
E o querer definha em fardo

Pois amar é dom concreto
Carne – não abstração!
Sentimento chão, ereto
Fenda, encaixe, conjunção...

É audácia da amizade,
Cadência, demônio, afago
Toque, beijo, outra metade
Língua, jeito, olhar – é rabo!

***

Sábio amante, não esquece!
Amor é cheiro – é tesão
Bocas unas, comunhão
Discussão que emudece

Pau que súbito intumesce
Perfume acre da boceta
A gota de leite à teta
– É a espécie que agradece!

Paz que enfim retorna ao peito,
Toda a existência relaxa...
Até que a dança renasça
Na partitura do leito

***

É da canção o verso morto
Que jaz calado já vencido
Amor – alegria dos corpos!
Rima do êxtase gemido…

E ainda que viva na dor
(Viver, antônimo de paz)
É dor boa, vale doer
– Vida é no abraço que se faz!

Canção de Amor

(I)

Amor é quase ópio
            amor é quase bom.

Temas da guerra aborrecem o amor
política, análise: erros vãos.

Se ao bélico jogo amar se parece
amor é outro papo – clima, hormônio
ardil do tesão bulindo o demônio.

(II)

Diz que o amor sobrevive de amor
mas é dor inda afete magia
entrecarne que sua poesia

– Mesmo que versos não bastem, Amor
(pois se ama juras, sabe economia).

(III)

Amor não quer exame, laudo, execução
amor ama o agora
o aroma – o cio do instante
trégua procriante do amargo real
pescoço tetas ventre – queda a jusante
pequeno-morrer no pecado mais são.

Amor que é quase ópio
          amor   que é quase bom.

(IV)

Amor quer rir alto – fingir verdades
copos e corpos sem moderação
(pitada de fatos só vez em quando).

E a cada patética frustração
quer crer em carícias desvairando.

Mas basta uma chispa – a breve miragem
e o amor reanima todo acreditado.
redimida a fé – animal selvagem
estanca covarde o sangue malsão
num átimo esquece o sonho violado.

O amor   que é quase ópio
          o amor...   que é quase bom.

Baile da vida

A dança trepa os amantes
alienam-se corpos culturas
fundem-se pernas instantes
sua cadente a luxúria

Alivia-se a existência
goza a vida pisada
– que qual cama range em fúria
redimindo a terra amarga.

As línguas

(I)

A língua suíça era cantada
sintaxe úmida e nua
e como o beijo – vermelha;

lambeu ao parque e se foi
despudorada, liberta
como relógio – certeira.

***

(II)

A língua francesa
me fala em pequena-morte
onde vejo grande vida

– nada pouca nem esquiva
inda pouca seja a sorte
de delícias sobre a mesa.

Soneto do abismo

És sempre tão nua
tão tua – masmorra
sem culpas nem portas.

No abismo você
eu me aposto seco
– inda baixo a guarda.

Teu sangue que é frio
me corre incendiário.
Minha sede teu cio
– mais não espero nada.

No encontro de tuas coxas
um outro mundo arde
derrota e me faz pouco
– mi'a pouca liberdade.

Só (faz frio)

Mais de uma vez
a fêmea tenra
me dorme nua
linda solta
          lua em sangue

Pudicamente indecorosa
sob as cobertas frias
do linho ausente
          do quarto ao lado.

Soneto do Sonho

a Manuel Bandeira

Ontem dormi com a poesia
Me despertaram versos tristes
Sina da espécie erro que insiste
Sina do bicho erro que sente

Ontem dormi com a poesia
E embora persistas silêncio
Guardei do sorriso o gosto
Tua língua entre meus dentes

Ontem dormi com a poesia
E se o amor decerto desiste
Inda que deus não mais exista
E perfeito não há nem havia

Há vinho há fome há versos
– Ave Baco – ave Utopia!

Beleza do caos

"Me disseste 'te amo', te disse pra esperar
Ia dizer 'me coma', me disseste 'vá'".

François Truffaut

No amor confuso
– A paixão
Vive a beleza do caos.

Eu te disse "te amo"
Deste as tetas pra chupar.

Ias dizer "te como"...
Mas antes te beijei lá.

Trovas do demônio

Ouço língua audaciosa
Mamilos umbigo ouso
Vou contornos bebo aromas
Sorvo gemidos me afogo.

***

Não devia mais um copo
Farejo sangue incito as feras
Vingando a volúpia que morde
Ou cúmplice do que era.

***

Demônio de rica polpa
Pele palavras entranhas
Morro ao auge de tuas coxas
Com a carne macia à boca.

A beleza das águas

a Oscar Wilde

– Narciso era belo?
perguntou ao sol a água serena.

– Mas quem melhor do que tu
poderá sabê-lo?
Diante de ti não deitava seus dias
traindo contigo minha luz?
Me digas pois tu água calma do lago:
Narciso era belo
sua beleza amavas?

– Jamais me viu jamais o vi.
Mas sim que amei
amei sem mágoas.
E amei mais do que amo a ti
meu sol, teu calor sorridente.
No triste espelho de seus olhos
vi refletida minha própria beleza
trêmula   sentida
– meu sofrimento.

O sonho inteiro

(I)

Promessa do prometido
bálsamo desenganado

Ela o mundo ali
camponesa
musa
generosa amante

A que não foi.

(II)

O sonho inteiro
não é um sonho
– o sonho inteiro
são muitos sonhos.

[Vinicianas]

(I)

Eu acredito em deusa

Sou pelo tema que grita
Pelo poema que fere
Pelo riso das crianças
Pelo amor das mulheres

Se há lua, louvo Baco
– A Atena vinho à mesa!
Coração bate-forte bate-fraco...
Eu acredito em deusa.

(II)

Tesão

Foi tudo tão pele
(costume do breve).
Algumas noites não lambem o dia.
Outras fundam primaveras.

***

Nenhuma viagem tem volta
nenhum amor tem fim
nenhum beijo é vão.

Caminhar porque é preciso
amar porque não se escolhe
e beijar...
que há de ter tesão.

(III)

A Fuga e o Encontro

Quero a mulher que enreda
Quero a língua que foge
Quero o lábio que sangra
Quero a boca que morde.

Quero o corpo suado
Na manhã da minha cama
Quero o dia que esquece
Quero a noite que ama.

Quero o verso que escarra
No decoro da verdade
Quero a fúria do encontro
A saudade do quase.

Quero por fim o beijo
Um beijo molhado e aflito
Que tenha a ânsia do primeiro
E o desespero do último.

POESIA DE CHÃO

Lábios do saber

Ao vagabundo sem porto
acusa o senhor dos bons:
não por tudo que (não) fez
– pela amarra que despreza.

Andarilho desgarrado
queimarás eternamente
no ostracismo morno – o nada!

Na caverna pós-moderna
de entranhas indulgentes
ousaste o outro lamber.

Insurgente corpo e alma
beijaste os lábios que gemem
a insensata liberdade
os orgasmos do saber.

Chãos e letras

De meu tempo bebi venenos
dos que enrijam almas
– afiam destinos.

Aprendi ainda a respirar o ódio
destilando-o
entre chãos e letras.

Se toda parte se dana ao todo
não sei do mundo se safo são.
Sei da sorte: amei pelas brechas
vivi na borda zombei dos bons...
E quem sabe alguma noite
fui até feliz.

Confissão

a Paulo Leminski

– É verdade cometi poesia.
Espoliado nas horas vagas
vagabundeio as horas vulgas
reincidente verso vinho vulva.

Insuflo o comum
a paz em conflito
de extremos incorri moderação.

Vida a postos ergo pena impudica
rubra de amores
                    – revoluções.

Cura

(I)

Fingir a cura é estar curado
– sussurra o ermitão à caverna
enraizado a seu bom mastro.

(II)

Eis que a caminho calado
sem água nem fogo mas são
(bastava de flor bastasse de espinho)
me escarra na cara a ilusão.

(III)

Vida sem véus
este murro bem dado
no meio da boca dos sonhos.

Calejar o Pé

Vida chã invade
Sacode espezinha
Minha paz a pé.

Caminhos sem rastro
Espinhos no encalço
– O qual'é-que-é.

Rio que corre só
Só a errar dos trilhos
Se tornar quem é

Labores, amores
Licores já idos...
– Calejar o pé.

Sou selvagem

Amanhece
mais um dia.
Estou vivo.

Pela tarde,
rude
sobrevivo...

Cai a noite,
tens razão.

Sou selvagem.
– Louco alívio.

Tão pouco

(I)

É tão pouca já a vida
e tão pouco racional
o animal que balbucia
– mal.
Tão pouco.

Vida maior que se prega
ninguém sabe
senão
– se há
é bem pouca.

(II)

Viver, tentar
de regra perder:
justiça impudente
perder quase sempre.

Na roda que queima
aprende-se o jogo:
nada esperar
ou bem pouco.

Fogo no Mar

"Os grandes navegadores devem sua reputação
aos temporais e às tempestades".

Epicuro

Vem água
Que eu te quero toda
Tormenta que me invade.
Mata a sede desta alma
Sedenta de ser mar
Correndo como um rio
Que viver é navegar
E parar é tão vazio.

Vem água
Que eu quero me afogar
Provar da tua entranha
Que a terra está vazia
E há fogo até no mar.

Vem água
Me acompanha
Que seria do oceano
Não fôssemos loucos a nos navegar?

Vem água
Me esfria
Que eu...
Eu pus fogo no mar.

Escreve

(I)

Vai, toma a pena e escreve!
que o dia está cinza
e o véu da desesperança já ronda os lares.

Escreve,
se não podes fazer a hora
constrói ao menos o sonho
cogita ao menos a possibilidade do sonho
inscreve na história a matéria do sonho
com tinta de sangue que é a cor do sonho.

(II)

Escreve,
escreve com tesão
escreve com dor
escreve com amor
e por amor...

que ninguém precisa tanto de amor
quanto o homem cansado de guerra.

(III)

Não vem a ideia?
lê um pouco plagia
subverte recria:
– Poesia, poeta,
é de quem precisa dela.

Mas escreve também por ódio
que quase todo o escrevinhado
nunca foi de quem precisa.

(IV)

Vai, toma a pena e escreve
que o tempo é escasso
e há tanto a dizer.

Escreve com ritmo,
escreve com fé
e não esquece jamais a alegria
– destila no papel que te espera
a densidade da tua ironia.

(V)

Escreve,
e escreve mesmo naqueles dias
em que te parecer que tudo o que tinha
que ser escrito já foi escrito.

Então escreve de novo
reescreve o antigo
rearranja, peleja, insiste!
– e tenta desta vez ser lido.

(VI)

Mas escreve
não deixa de escrever
que o néscio torturador
tem também o coração vermelho.

E se um dia parecer que é tarde
e pesadelos anoitecem tua porta
brinda a poesia que à manhã renasce
brinda a palavra que qual solidão
não é vício
                    é necessidade.

Três artes

– Quem és
que buscas
o que sabes fazer?
(perguntaram ao andarilho à porta da cidade):

– Saber sei jejuar
sei refletir…
sei esperar.

Busca
a do rio que vai.

Meu nome se apagou nas quedas
me diziam Liberdade.

Não faz nada...

aos andarilhos e saltimbancos

O **vagabundo** vaga,
vago vagar
vivo
divaga
– devagar
a vaga anda,
vai a onda.

Na vaga **lida**
de **vagar**
vagueia
sua vaga
viva
vagabundagem.

Sua vida
vaga
sua e abunda

– vagando
vasta vagabundeia

vívida
vagabunda.

UNS BEIJOS DE LÍNGUAS

[*transversos*]

Com Vladimir Maiakóvski e Augusto de Campos

COME

COME PASTICHE

DEGUSTA UM JEREZ,

O TEU DIA ESTÁ PERTO

BURGUÊS.

A vocês

Vocês que andam de festa em festa, vocês
com seus aquecedores, privadas *gourmets*
não se envergonham ao ler as notícias
miséria, injúria, bravata, injustiça?

Sabem vocês, inúteis farsantes
que só pensam na barriga e no cofre
que uma bomba talvez neste instante
Arranca as pernas ao soldado pobre?

Ai se ele, condenado ao matadouro
pudesse ver banhado em sangue heroico
como vocês, bocas sujas de ouro
flauteiam vulgares, egoicos.

Vocês – gozadores de fêmeas e pratos
dar a vida por amores de salão?
Jamais, ficarão antes nos bares
Bebericando sucos e *bourbons.*

*

Com Bertold Brecht

A uma raiz de chá verde em forma de leão

Temem tuas garras os canalhas.
E se alegram os comuns com tua graça.
O mesmo
          ouvirei tomara
                              de meus versos.

Cartilha de Guerra

Para os do alto
falar de comida é baixo.
E se entende por quê
– já almoçaram.

***

Os trabalhadores gritam pelo pão
os comerciantes gritam pelos mercados.
Passava fome o desempregado. Agora
passa fome é quem trabalha.
As mãos que pendiam desperdiçadas
– lustram as granadas.

***

Os do alto dizem:
esse é o caminho da sorte
Os de baixo dizem:
este é o caminho da morte.

***

Teu tanque, milico, é máquina potente
Devasta as florestas e esmaga as gentes
Mas ele tem um defeito:
Precisa de um motorista.

Teu bombardeiro, milico, é avião pujante
Voa mais que temporal, leva o peso de elefantes
Mas ele tem um defeito:
Precisa de um comandante.

O ser humano, milico, é útil demais
Ele pode voar e pode matar
Mas ele tem um defeito:
Pode pensar.

*

Com Ernesto Cardenal

Epigramas

Ao perder-te eu a ti tu e eu temos perdido:
eu porque tu eras o que eu mais amava
e tu porque eu era o que te amava mais.
Porém entre nós dois tu perdes mais que eu:
Porque eu poderei amar a outras como a ti te amava
Mas a ti não te amarão como te amava eu.

***

Tu trabalhaste vinte anos
para juntar vinte milhões de pesos,
nós porém daríamos vinte milhões de pesos
para não trabalhar como tu trabalhaste.

***

Não é que eu acredite que o povo me ergueu esta estátua
porque sei melhor que vocês que a ordenei eu mesmo.
Nem tampouco que pretenda passar com ela a posteridade
porque sei que o povo a derrubará um dia.
Nem que tenha querido erguer a mim mesmo em vida
o monumento que morto não me erguerão vocês:
mas só ergui esta estátua porque sei que vocês a odeiam.

***

Soa como uma música a chuva
lá fora nas poças do pátio
e os lençóis estão tão frescos
mas você não está em minha cama.

***

Oh moçoilas que algum dia lerão emocionadas estes versos
e sonharão com um poeta:
saibam que eu os fiz para alguém como vocês
e que foi em vão.

*

Com Aimé Césaire

Lacuna a preencher na rota de viagem do polem

Não havia em todo o deserto
senão uma gota d'água a sonhar baixinho,
em todo o deserto não havia
senão uma semente voadora a sonhar alto,
eis o suficiente,
ferrugem das armas, fissura das pedras, baderna das trevas
– deserto, deserto, eu aceito teu desafio
lacuna a preencher na rota de viagem do polem.

Música da chuva

Temporal
que bom músico
ao pé de uma árvore despida
    entre as harmonias perdidas
    ao lado das memórias desfeitas
        entre nossas mãos derrotadas
        e povos de estranhos poderes
deixávamos pendurado o olhar
e nativos
desatando as rédeas da dor
chorávamos.

*

Com Mario Benedetti

Tática e estratégia

Minha tática é
te olhar
aprender como és
gostar de ti como és
minha tática é
falar contigo
e te escutar
construir com palavras
uma ponte indestrutível

Minha tática é
permanecer na tua memória
não sei como nem sei
por qual motivo
mas estar contigo

Minha tática é
ser sincero
e saber-te sincera
e que não nos vendamos
aparencias
pra que entre nós dois
não haja cortinas
nem precipícios

***

Minha estratégia é
por sua vez
mais profunda e mais
simples

Minha estratégia é
que um dia qualquer
não sei como nem sei
por qual motivo
enfim precises de mim.

*

Com William Blake

Provérbios do inferno

Nenhum pássaro voa tão alto
se voa só com as próprias asas.

***

O louco que insiste
em sua loucura
arrisca tornar-se um sábio.

***

Medita à alvorada.
Age no meio do dia.
Alimenta-te à tarde.
Dorme pela madrugada.

***

Não conhecerás o bastante
antes de conhecer
o pra além do bastante

***

O orar não lavra,
o louvor não colhe.

***

A alegria não ri.
A tristeza não chora.

*



Posfácio

Um canteiro *noir*

*por José Mauro da Costa***

Honroso privilégio abordar aspectos destes Cantos dos Infernos, de Yuri Martins-Fontes, livro que reúne sua obra poética ao longo de muitos anos. Os leitores irão talvez estranhar, em um primeiro momento, sua poesia, para em seguida melhor apreciá-la. Por quê? Penso que porque Yuri possui ampla consciência de sua criação, adquirida por sólida reflexão e estudos das humanidades e filosofia. Daí a transformar sua arte, vejam bem, num contrastante lirismo: brutal e, ao mesmo tempo, enternecedor.

Os símbolos, as metáforas e os gritos de angústia eu senti explodirem em seu peito. Nas dores, nas esperanças de menores dores, ele nos mostra em cada linha, em cada estrofe, sua empatia com os desafortunados. Sofrimentos.

Em certas passagens, alguns de seus poemas e poesia me surgiram como um canteiro *noir* – plantas, cores, musicalidade, a lembrar uma flor. Algo meio *nouvelle vague* com seus claros-escuros, com suas dificuldades, angústias e esperanças do dia a dia.

O mandacaru solitário, pensem nele. Altivo, sobressaliente. Espinhoso. O miosótis, que remete ao amor desesperado. A rosa? Tem espinhos, sim. O autor, no entanto, não esconde as agulhas dela, e demonstra sua sensibilidade com poética adversativa. Mas tem flor. E tem perfume. A urtiga, em versos urtigosos. Ardentes, picantes, a nos causar coceiras pelo corpo todo. Incômodo.

Pois essas plantas e flores, essa poesia e poemas, essas fotografias, vejo tudo como um tremendo grito de protesto, de inconformismo ao status quo. Por um instante lembrei-me dos terríveis "porões da loucura", de Barbacena.

Em algumas páginas são expostas contundentes imagens: ah, as imagens! A relatar – o autor – sem perder a ternura, a crueza de cenas bem delineadas ou que já foram destroçadas. Cenas verdadeiras, nesse espetáculo de marionetes que chamamos vida. Vidas secas.

Segundo Fernando Pessoa, o poeta é um fingidor. Vá lá. Talvez. E o dito já teria criado crentes diletantes. Yuri, porém, me parece fora desse carimbo: nu de qualquer soberba, com sua história de lutas, ideais, com suas derrotas e vitórias – mais estas, do que aquelas.

Como se sabe, "a vida é combate, que os fracos abate, que os fortes, os bravos só pode exaltar", dizia

Gonçalves Dias. Pois eis Yuri, jovem e forte, carregando o fardo de sua solidariedade humana, a combater o bom combate. "Imagine", cantava Lennon. "Eu tive um sonho", sonhou Luther King.

Carecemos de coragem: dizer não, ou dizer sim, porém fazê-lo com convicção. Esparramar mais e mais amor, mais e mais poesia. Sem ele, sem ela, o mundo, no mínimo, perde sua graça e fica mais pobre.

José Mauro da Costa, poeta, escritor, editor e professor; bacharel em Letras pela PUC-MG, mestre em Lite*ratura Brasileira e coordenador do projeto* Livro de Graça na Praça. Autor, entre outros livros, de *Atrás da Porta* (Mazza, 2004), do cordel em braile *Do selo lambido ao ponto com* (Benjamim Constant, 2009), e da antologia crítica *Ouvindo Estrelas* (Mazza, 2005), adotada pelo MEC.

Esta obra foi composta em Palatino
em dezembro de 2021 para a Editora Patuá.

Eis nestes cantos impressos
– findas quem sabe as silenciosas mutações –
a resistência de duas décadas de poemas germinados,
ora colhidos através dos infernos que amalgamam
nosso moderno ser tão sem lugar.

Não é ao Inferno de Dante que Yuri Martins-Fontes nos leva, mas a vários infernos, mais próximos de nós, neste mundo trevoso em que ora vivemos. Descer aos infernos, já o sabemos, nunca é fácil. Mas é necessário olhar de perto para os demônios, e não só para aqueles que estão fora, como também, e corajosamente, para os que estão dentro, bem dentro de nós. Yuri mantém o tom politizado em diversos dos poemas que compõem este livro de estreia na poesia, obra que reúne seu trabalho com essa linguagem ao longo de anos. Ao mesmo passo, ele nos revela como se diverte com as palavras, divertindo também seu leitor com poemas por vezes leves e bem-humorados. Sua poética é fruto nítido do modernismo, revelando a leitura saborosa de nossos mestres – Bandeira, Mário, Oswald e muitos mais. Um modernismo, porém, reinventado para nossos tempos: este "novo tempo moderno – como ele nos diz – que não morre nem se cansa de ser velho". Assim, Yuri passa pelas rimas e pelos versos livres e soltos, relendo formas fixas como os haicais. Canta o cinema, passeia por cidades e pensa a revolução. Exercita a metalinguagem e reflete sobre o lugar da própria poesia. E fala ainda de amor, um amor que não é nada etéreo, mas que é feito de carnes e desejo, compondo o sonho corpóreo de um mundo que nos tire deste inferno.

Marina Ruivo



foto: Paulo Cesar Lima

Yuri Martins-Fontes nasceu na capital paulista da ditadura. Formado em Filosofia e doutor em História pela USP, percorreu os rincões do Brasil diverso de que descende, e viveu anos pelos sertões dos quatro cantos do mundo. Escritor amante de saraus, filósofo, professor e jornalista, também fotógrafo e jardineiro, é autor de livros sobre cultura e história latino-americanas, pensamento crítico e movimentos sociais, e tradutor de obras literárias e teóricas. Em revistas e antologias publicou poesia, contos, dramas, ensaios e crônicas, tendo trabalhos traduzidos ao espanhol, francês e inglês. Coordenador do *Núcleo Práxis da USP* e membro do *Coletivo Banzo–fotografia de rua*, desde os 1990 desenvolve projetos de educação popular, democratização cultural e colabora com a imprensa independente. Edita a página *Travessias*, em que divulga escritos, exposições fotográficas e vídeodeclamações. Atualmente, além de pai, se dedica a narrativa literária cujo mote são longas viagens em transporte público pelas estradas e águas da América, Europa, Ásia e África.


ISBN 978-65-5864-238-1

YURI MARTINS-FONTES

CANTOS DOS INFERNOS

Sangue moderno

Há sempre uma derrota a cada esquina
há sempre um irmão a cada dor.

Não facilita: esculpe a primavera
estende teus sonhos pela campina.

Escarra no altar burguês que te enforca
duvida dos bons, seus ternos e glórias.

No sangue pisado que escorre moderno
grita de horror – e tédio – a história.


ISBN 978-65-5864-238-1

PATUÁ
EDITORA

PATUÁ
EDITORA